

# Juventudes e cidades no videoclipe: o corpo como foco



*Denise Oliveira Siqueira*

*Pós-doutorada em Sociologia (Université Paris-Descartes)*

*Professora de Pós-graduação em Comunicação (UERJ)*

*E-mail: denisedacosta@ig.com.br*

**Resumo:** O artigo estuda a representação de jovens urbanos na mídia através de imagens veiculadas em videoclipes brasileiros e franceses dos anos 2000. Nesses cliques destinados a um público jovem as danças, esportes e outras diversas manifestações corporais urbanas constituem elementos significativos. Partindo dessa constatação, o objetivo do trabalho é observar nos filmes musicais curtos a maneira pela qual os corpos são mostrados, assim como são afetados pelas cidades. Desse modo, busca-se estudar a maneira pela qual a sociedade - via meios de comunicação - representa as culturas jovens urbanas. **Palavras-chave:** *juventude, videoclipe, corpo, cidade.*

*Juventudes y ciudades en el video: el cuerpo como foco*

**Resumen:** El documento analiza la representación de la juventud urbana en los medios de comunicación masiva a través de imágenes transmitidas por videoclips franceses y brasileños de la década de 2000. En estos clips para un público joven danzas, eventos deportivos y otras varias manifestaciones corporales son elementos significativos. Con base en esas constataciones, el objetivo del estudio es observar en las películas musicales cortas la forma como los cuerpos se muestran y también como son afectados por las ciudades. Con eso, se propone, estudiar la forma por la cual la sociedad - a través de los medios de comunicación - piensa y representa las culturas jóvenes urbanas. **Palabras clave:** *juventud, videoclip, cuerpo, ciudad.*

*Youth and cities in the videoclip: the body as the focus*

**Abstract:** This paper studies the representation of urban youth through media images broadcast in French and Brazilian music videos of the 2000s. In these clips for a young audience, dances, sports events and other various bodily urban elements are significant. Based on this, the study's goal is to observe in the short musical films the way the bodies are shown, and also how they are affected by the cities. The paper seeks, thus, to study the way the society - via media - thinks and represents the urban youth culture. **Keywords:** *youth, video-clip, body, city.*

## Introdução

As grandes cidades, suas praças públicas e monumentos constituem espaços onde se exprimem e se confrontam múltiplas culturas contemporâneas. Espelho de uma época, elas acolhem a arte urbana e suas desobediências ou resistências; são habitadas por pessoas que portam no próprio corpo ou carregam consigo aparatos tecnológicos os mais recentes, mas também por pessoas socialmente excluídas. A metrópole contemporânea é um *carrefour*, cruzamento de contradições, idéias e de corpos, de jovens e adultos, de conservadores e de vanguardas políticas, econômicas e artísticas. E apesar de todos os ideais de descentralização que as redes informáticas permitem, a cidade ainda concentra os fatos e eventos que marcam a mídia, que constroem imaginários e estimulam o consumo. A cidade é o “centro do mundo” na medida em que estabelece com seus habitantes relações de socialidade, de interesse, de expectativa, de mobilidade social e econômica e de conflitos.

O espaço urbano representa, assim, uma espécie de cena onde diferentes grupos jovens

constroem os mais diversos sentidos. Espaço de diferença, de conflito, de divisão e de repressão, a cidade é também lugar de ricas manifestações de transgressão que explodem em

*A confluência de  
diferenças faz da cidade  
o espaço por excelência  
da complexidade.  
Nela coexistem  
estruturas históricas  
e sociais divergentes*



danças, músicas, práticas corporais e estéticas como o *parkour*, o *hip hop*, o *funk carioca*. Como escreveu Oliveira (2007:70), através das intervenções urbanas, os jovens recriam sua relação com a metrópole. Em outra perspectiva, tais práticas tanto reúnem quanto excluem: elas dão forma às “neotribos” urbanas, criam formas de socialidade juvenis, reforçam identidades (Maffesoli, 2000).

A partir dessas ideias, este trabalho propõe uma discussão sobre um formato midiático privilegiado para observar os jovens na cidade, seus movimentos dançados e a maneira pela qual eles são representados: os videoclipes. Uma grande parte dessas produções – tanto as brasileiras quanto as francesas – tem por cenário ambientes urbanos ou faz referência à temáticas ligadas ao espaço urbano e aos dramas vividos na cidade. O objetivo deste trabalho é, então, analisar os jovens e suas representações em uma pequena amostra escolhida de clipes brasileiros e franceses – ressaltando o papel do corpo nesse contexto imagético. Também é objetivo comparar nos videoclipes a maneira como as cidades afetam os corpos a fim de compreender a maneira pela qual as sociedades pensam e representam as culturas jovens urbanas.

Para tal, em termos metodológicos, observamos cerca de cem clipes brasileiros e cem clipes franceses produzidos a partir dos

anos 2000 veiculados respectivamente pela televisão brasileira e pela TV francesa ou em sites dedicados aos públicos francês (em que o idioma é francês) e brasileiro (em que o idioma é o português)<sup>1</sup>. É importante ressaltar que o estilo musical não foi uma preocupação para a seleção da mostra de clipes. Embora reconhecendo a importância e o papel da canção dentro do videoclipe, de fato, neste estudo considera-se a música como apenas um dos elementos desses filmes curtos – sendo parte do objetivo focar a atenção no corpo e em suas expressões.

Finalmente, o trabalho se fundou em uma metodologia qualitativa e em uma perspectiva transdisciplinar para relacionar um objeto de estudo da comunicação às referências teóricas da estética, da sociologia do cotidiano e da antropologia urbana.

### Um olhar sobre a cidade

As grandes cidades são lugares complexos, de contrastes, desiguais. Assim, ao mesmo tempo em que abrigam a pluralidade, são local também de intolerância; conservam trabalhos e peças em museus, mas abrigam a efêmera arte urbana; exibem e anunciam construções pós-modernas “inteligentes” e “ecológicas”, mas mantêm prédios seculares (nem sempre bem conservados) e habitações insalubres.

A confluência de diferenças faz da cidade o espaço por excelência da complexidade. Nela coexistem estruturas históricas e sociais divergentes. As cidades são lugares de contraste, ou como escreveu Simmel (2007), de cenas do teatro social, com suas máscaras e papéis. Assim, segundo o sociólogo, comparados àqueles da cidade pequena, os encontros entre indivíduos são, na cidade grande, raros e breves; desse modo, na metrópole, os indivíduos seriam levados a dar de si uma outra imagem, condensada, enquanto em ci-

<sup>1</sup> Este artigo é parte da pesquisa desenvolvida na Université Paris-Descartes, durante o pós-doutorado em sociologia, com apoio da Capes.

dades menores, onde as reuniões seriam frequentes e longas, teríamos da personalidade do outro uma imagem muito mais clara (Simmel, 2007:37).

Em um contexto pós-moderno, esses encontros breves, efêmeros constituiriam uma parte significativa da socialidade (Maffesoli, 2000). É possível identificá-los em fenômenos como os *flash mobs* ou os *apéros géants* organizados em espaços públicos de diversas cidades francesas na primavera de 2010 por meio de redes sociais *on-line* como o *Facebook*.

Como lugar privilegiado da produção material e simbólica, a cidade reflete a pluralidade da produção de sentidos. Essa pluralidade não “cabe” em sua totalidade nos meios de comunicação massiva. Os meios de comunicação tentam representá-la, na realidade selecionam alguns sentidos entre uma variedade quase infinita de significações presentes no espaço urbano. Dessa forma, a mídia oferece um ponto de vista, uma leitura – geralmente limitada ou “recortada”/editada para ser mais técnica - da cidade, de seus atores, de seus valores e suas referências.

Seja em Paris ou no Rio de Janeiro, os meios de comunicação e seus diversos produtos mostram parcialmente, reconstruindo-as, as mudanças da cidade e as relações entre seus habitantes e seus papéis sociais. A proliferação de novas linguagens gestuais e corporais – sob a forma de danças urbanas executadas por jovens e retransmitidas por canais de televisão gratuitos ou pagos, pela Internet e pelos celulares – é um signo da maneira pela qual a cidade se constitui como lugar de diferenças.

Desse modo, cidade e comunicação mantêm uma relação dinâmica e se transformam mutuamente. É a ideia de que os meios refletem a cidade, constroem imagens e imaginários sobre as cidades, em um certo sentido, alargam os limites do urbano. Assim, o urbano também estaria na mídia, no plano do simbólico, das representações. Nessa perspectiva, os limites da cidade não seriam mais somente geográficos, físicos, concretos.

Virilio nos lembra disso quando escreve que “se, apesar das promessas dos arquitetos pós-modernos, a cidade encontra-se privada de portas a partir de agora, é porque há muito os limites urbanos deram origem a uma infinidade de aberturas, rupturas e fechamentos, certamente menos aparentes que os da Antiguidade, mas igualmente práticos, constrangedores e segregativos” (1993:12).

Se os limites não são mais somente geográficos, eles nos fazem refletir que a cidade também pode estar nos corpos, na mídia, nos imaginários. Assim, a cidade é física à medida em que compreende espaços e distâncias; ela é sociológica na medida em que compreende as relações sociais; é cultural porque construída e reconstruída por pessoas inseridas em culturas e ainda, poderíamos dizer, é psicológica porque aproxima pessoas conhecidas e desconhecidas, o estranho, estrangeiro com todos os receios que ele provoca. A cidade é uma idéia.

Dessa maneira, a cidade é física, sociológica, cultural, psicológica como um corpo. E ela afeta os corpos: o tempo nos meios de transporte cansa as pessoas; as grandes distâncias as obriga a grandes deslocamentos e a ficar mais tempo fora de casa o que supõe uma adaptação dos horários de alimentação, de repouso, de higiene pessoal. Os “poderes públicos”, os Estados reconhecem essas adaptações exigidas de seus cidadãos e, por vezes, tomam atitudes a respeito. Reconhecendo essa questão e buscando ordenar e racionalizar as ações dos “usuários” do espaço urbano, a Mairie de Paris, por exemplo, instalou banheiros públicos gratuitos por toda a capital francesa para atender a habitantes e a turistas. No mesmo sentido, a Prefeitura do Rio de Janeiro, instalou em alguns (poucos) pontos da cidade vaporizadores conhecidos como “cuca fresca” para refrescar as pessoas nos dias mais quentes. Aos mesmo tempo, ambas as prefeituras instalam grades, proteções para evitar que moradores de rua se fixem em espaços públicos.

Esses exemplos mostram que os cidadãos

se disciplinam ou disciplinam seus corpos para viver nas cidades, mas que a cidade, por sua vez, também se molda por seus habitantes. Cidades, então, não são somente locais de mercado, de comércio, trocas monetárias, de arquiteturas e planejamentos urbanos; são espaço de culturas, espaços onde a cultura se exprime em corpos. A cidade se espraia para além de suas construções. Então, como perguntou Virilio, “Onde começa portanto a cidade sem portas? Provavelmente nos espíritos...” (1993:15).

### ● O corpo-cidade

Como a cidade, o corpo é um espaço de cultura, um lugar de diferenciação, de separação, mas também de aproximação com o outro. Segundo Marcel Mauss (1985), ele se constitui tanto pelas técnicas corporais como pela expressão da subjetividade. Assim como os adornos, as roupas, os acessórios, a maquiagem e tudo o que se pode vestir, o corpo pode igualmente estar na moda, reproduzir modelos desejados ou se diferenciar de normas socialmente reconhecidas, recusando os modelos.

Assim, lugar ao mesmo tempo de disciplina e de transgressão, o corpo constitui o suporte de diferentes linguagens não-verbais e é um elemento importante na construção da identidade do homem urbano contemporâneo. Como observou Oliveira, em trabalho de pesquisa sobre jovens em São Paulo, “a moda e o corpo, especialmente nas culturas juvenis, apresentam-se como peças-chave nas construções identitárias” (2007:77). Logo, apresentam-se como elementos para a construção da alteridade (o distinguir-se de outros) e do pertencimento (o assemelhar-se a outros) a um grupo, a um estilo. Distinguir-se e assemelhar-se corporalmente, em termos de gestos codificados e de indumentária passa a ser fundamental.

Em um universo de cultura de massa, os corpos são largamente explorados justamente porque representam, indicam visualmente pertencimentos, alteridades, origens, aspirações. Na publicidade, no cinema, nas histó-

rias em quadrinhos destinadas aos diferentes públicos e na Internet, encontram-se vários tipos e categorias de corpos que contam mitos - narrativas conhecidas há muito, mas sempre em transformação -, encontram-se modelos, encontram-se elementos corporais que ajudam a identificar rapidamente quem é o personagem mostrado.

Os videoclipes que estudamos, destinados a um público jovem e consumidor, construtor e reproduzidor de identidades, contém o que Janotti Jr (2006) chamou de “a música popular massiva” e destacam o corpo, a dança, os movimentos radicais e espetaculares. Entre as manifestações corporais que aparecem nos videoclipes, encontram-se o *parkour*, o *hip hop*, o *funk carioca*, o basquete e o “*foot de rue*” – formas contemporâneas de interação/comunicação entre os jovens no meio urbano. Tais formas supõem técnicas corporais, treinamentos, práticas, mas também, um conjunto de regras estabelecidas pelo grupo social, pelos participantes.

Assim, mesmo que busquem expressar transgressão, na medida em que revelam o domínio de todas essas técnicas e das “regras do jogo”, os corpos jovens em exibição de manifestações corporais se mostram, em certo sentido, corpos dóceis, objetos sociais – como conceituou Michel Foucault (1989). Eles precisam se exercitar, se disciplinar, correr risco físico para fazer o *parkour*, para saltar de *skate* ou para dançar o break com virtuosismo. Cabe aqui o sentido apresentado por Foucault para o corpo docilizado, aquele que se encontra “*en position d’instrument ou d’intermédiaire*” (1975:16) para um outro fim; um corpo que se manipula, se modela, que obedece, responde, se torna hábil ou multiplica sua força (1975). Esses corpos exercitados, tatuados, marcados seriam, nessa concepção, corpos dóceis porque socialmente construídos para cumprir algumas finalidades, corpos úteis, embora sua finalidade aqui seja integrar-se e identificar-se com um grupo e não tornar-se produtivo do ponto de vista econômico.

Retomando o clipe e pensando sobre os artistas que na tela representam corpos de jovens urbanos, pode-se também pensar que esses “atores” seriam como uma espécie de corpo dócil. Tais artistas/trabalhadores recriam, representam nos filmes musicados os corpos dos jovens do espaço público urbano – docilizam, disciplinam, treinam seus corpos para representar.

### Nos videoclipes

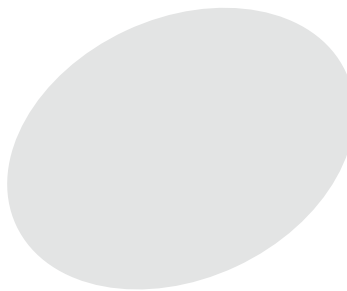
Nesse contexto de cidades e corpos complexos que se afetam mutuamente, os meios de comunicação de massa, através de sua produção simbólica, se tornam uma das esferas que confere um reconhecimento às “novas” manifestações corporais urbanas. Vários veículos e formatos de mídia voltados para a juventude se apropriam dessas manifestações culturais criativas e as transformam, deslocando-as de seu contexto crítico ou transgressor original. Tornam-se intermediários plenos de intenção entre a dança, os esportes, as condutas de risco e um público sentado diante da tela da televisão ou do computador.

Assim sendo, a representação dos jovens, de seus corpos e de suas danças pelos meios de comunicação não resume totalmente ou fielmente os sentidos dos quais a cidade é produtora - mas pode dar uma ideia de como alguns jovens e suas questões são vistos.

Nos videoclipes, filmes curtos, híbridos de música e imagem, veiculados em princípio para divulgar uma canção ou um grupo, as imagens se enquadram em diversos critérios: estéticos, comerciais, de moda, artísticos. Há uma espécie de negociação entre os diversos discursos até o produto final: o clipe pronto para ser visto pela televisão, pelo computador, pelo celular, pelos computadores portáteis ou ainda pelas *tablettes tactiles* web como *Ipad*.

Essa característica flexível do clipe faz dele um formato interessante: do cinema à televisão, da TV à Internet e aos aparelhos portáteis do tipo *Ipod*, *Ipad*, *smartphones*. O

clipe hoje se tornou portátil, logo, um suporte expressivo singular com uma nova dinâmica de circulação. E mais: o clipe tem uma duração curta: cerca de três minutos – o que é compatível com a velocidade da vida urbana contemporânea, com um público de atenção desdobrada em muitos outros estímulos urbanos.



*O clipe hoje se tornou portátil, logo, um suporte expressivo singular com uma nova dinâmica de circulação*

A “evolução” dos clipes os aproximou de equipamentos e recursos digitais. A Internet continua um meio de promoção para grupos comerciais, mas também abriu espaço para a possibilidade de difusão da produção de “anônimos” acessíveis em sites como *YouTube*, *Dailymotion* e *MySpace*. Desse modo, os sites podem também fornecer espaço para a criação não-comercial de fãs e amadores. A tecnologia mais acessível permite a cada um produzir sua própria versão dos clipes, conhecida em inglês como *spoof*. Os espaços para comentários permitem acompanhar a repercussão do conteúdo “postado”.

No formato comercial – aquele da “espiral repetitiva que caracteriza as programações das rádios e das TVs especializadas em videoclipes” (Janotti Jr, 2006:36) – assim como nos formatos alternativos, os clipes apresentam música, dança e corpos exprimindo uma época, diferentes valores, visões de mundo e traços de identidade. Na maior parte desses filmes curtos o personagem principal é a juventude – em diferentes representações.

Isso dito, tomando como perspectiva o corpo em movimento coreografado, reiteramos que consideramos a música como um

dos elementos dos videoclipes e não o único ou o principal. Como lembra Sibony (1995), o corpo nunca nos deixou, ele sempre esteve presente em todos os lugares – embora possamos acrescentar que mesmo assim, às vezes é preciso procurar por ele, colocado que é em segundo plano.

*As técnicas corporais permitem utilizar diferentemente um espaço criado para um determinado fim, ou seja, recriar o uso inicial daquele espaço*



Os movimentos corporais apresentados nos clipes estudados aparecem como eventos culturais urbanos contemporâneos, imagens de um universo plural e complexo no qual as abordagens estéticas revelam diversas concepções ou “modos de vida” que exprimem as diferenças de sensibilidade e de pertencimento (Simmel, 2007). A análise desses movimentos como reflexo da organização social permite situar a juventude na cultura de massa revelando suas estruturas, valores, hierarquias e relações de gênero.

Uma seleção de clipes brasileiros e franceses nos permite observar os corpos jovens em sua relação com as cidades nas quais são mostrados. Paris assim como o Rio de Janeiro, é frequentemente o cenário de narrativas ou colagens de imagens construídas nos clipes. As representações das cidades, assim como as dos jovens nos clipes, são inúmeras – muito embora algumas sejam bastantes recorrentes. Neste texto não exploramos todo esse potencial por ser necessário um recorte, mas apresentamos um olhar sobre quatro clipes – dois brasileiros e dois franceses - que se mostraram “bons para pensar” a juventude na cidade.

No clipe *Num corpo só*, da cantora Maria Rita, vemos imagens de uma cidade bo-

nita, da natureza, do Sol, de um céu azul e de um corpo feminino que dança (n)essa bela paisagem. Esse Rio de Janeiro sonhado é coerente, em termos de representação, com um corpo feliz, que sorri afetado por esse entorno, por um samba bossa contemporâneo. Se essa alegria, esse amor dos quais tratam a canção, fossem cantados e dançados no Centro de negócios da cidade, o resultado seria diferente. Do mesmo modo, se fossem cantados e dançados em um bairro pobre, não-urbanizado, em uma favela, a leitura seria diferente.

Nessa perspectiva, esse clipe mostra, de um certo modo, uma maneira pela qual a cidade ou o forte imaginário sobre ela afetam um corpo representado em um meio de comunicação. O Rio de Janeiro aqui é aquele da “cidade-maravilhosa, cheia de encantos mil” e não o dos problemas sociais, da violência urbana, do bonde de Santa Teresa que tomba e mata moradores e turistas. O corpo feminino que dança essa parte da cidade, o faz com prazer. O clipe não precisa de uma história, de uma narrativa para contar a alegria feminina cantada.

Se a natureza e a beleza da paisagem podem aparecer em um clipe musical representando uma cidade, o concreto, os prédios altos e vigiados que fazem parte dos espaços urbanos, também podem fazê-lo. Assim, a ideia de um corpo afetado pela cidade pode ser observada também no clipe francês *Virer le monde à l'envers*, do grupo Les respectables. Nesse filme o que é mostrado é uma cidade de concreto, dura, com grandes edifícios e uma polícia presente que regula o uso dos espaços. A técnica do *parkour* usada por um grupo de jovens para se locomover nessa cidade aqui representa a transgressão e o risco em forma de movimento. Tal *parkour*, nascido de um princípio urbano e militar, não poderia ser executado na praia ou em uma paisagem de floresta e de montanha. É a cidade que permite e faz possíveis tais movimentos.

Na história mostrada, o *parkour* serve para provocar o vigilante, para deixar um convite

para a menina bonita, para ir à festa e, finalmente, para fugir da polícia que reprime a festa.

Desse modo, nota-se que o espaço construído afeta o movimento feito. A observação mais interessante aqui é que as sociedades, as culturas, constroem o espaço das cidades e, posteriormente, as cidades vão provocar uma adaptação dos movimentos humanos, das técnicas corporais: afinal, caminhar em calçadas de concreto é diferente de caminhar na areia da praia ou na terra batida. Mas, de todo modo, sempre haverá alguns espaços para transgredir as regras que o urbanismo e seus técnicos ou especialistas vão impor.

As técnicas corporais permitem utilizar diferentemente um espaço criado para um determinado fim, ou seja, recriar o uso inicial daquele espaço. No clipe *O jogo* virou, do grupo brasileiro Strike, a temática explorada é a liberdade, o estar-junto, em grupo masculino, no espaço urbano. Os corpos em cena são mostrados em imagens ligadas ao skate, ao grafitti e a um gestual codificado. A cidade é mais uma vez o Rio de Janeiro, em lugares pouco turísticos, espaços cotidianos e cheios de concreto - Praça Mauá, Praça XV, Zona Portuária, Catumbi, Aterro do Flamengo. Nesses lugares não é possível dançar a bossa como ela foi dançada no primeiro clipe citado. Não há natureza, cenário idílico, mas o concreto, o desafio urbano, masculino.

Observa-se, então que enquanto o clipe de Maria Rita mostra um Rio - paisagem natural, o clipe do Strike mostra um Rio - cidade de concreto. Nesse clipe, como no primeiro citado, não há uma história contada. Aqui há imagens cortadas, tomadas noturnas e diurnas de lugares que não fazem parte da maior parte dos circuitos turísticos, mas que podem ser identificados. Como no clipe francês, observa-se um universo jovem urbano masculino. Não há espaço para moças no filme, dando margem a pensar que onde há concreto, noite, skate, um gestual específico e codificado, não há espaço para o feminino. Essa é uma representação da cidade-homem.

No primeiro exemplo francês a cidade também é espaço de concreto para praticar o *parkour*. Em um segundo exemplo, Paris aparece no clipe da canção *Superficiel*, do grupo Enhancer. Agora a ironia, talvez uma crítica, predomina no olhar sobre um grupo de jovens que se diverte, que exalta o “estar junto”, o hedonismo durante a rotina do fim de semana.

Nesse filme curto, rapazes e moças são mostrados reunidos por gênero durante o dia, quando se preparam para a noite de festa e para os encontros com o sexo oposto. Os corpos são mostrados em relação com o consumo, o hedonismo, a festa, a dança, o álcool, a droga e, enfim, o sexo. Ao final, a amnésia provocada pela mistura permite recomeçar tudo no fim de semana seguinte. Os afetos, os riscos, as dores são esquecidos, então pode-se recomeçar do zero. É a cidade, com seus enormes edifícios de habitações sociais (as *cités*), as ruas e seus comércios, as boates noturnas que permitem esse ambiente de efervescência, de busca intensa de prazeres durante a pausa semanal. O fim de semana é, nesse contexto, tempo de excesso, de transgressão.

### ● Considerações finais

Os videoclipes “falam” de sociedades reais, rerepresentadas pelos meios de comunicação e suas mediações. Enquanto analistas, nosso exercício é interpretar, buscar compreender essas sociedades recriadas nos clipes e seus jovens. Assim fazendo, estamos, em certa medida, buscando entender a sociedade “fora do clipe”.

Dessa forma, como a cidade aparece nos corpos jovens masculinos e femininos representados nos videoclipes? Que marcas a cidade deixaria nos corpos desses jovens? No clipe de *Num corpo só*, o corpo da cantora é marcado por uma cidade maravilhosamente imaginada, sem contradições, sem miséria. São movimentos de uma dança feliz, feminina que mesmo que fosse exibida sem a canção, apresentaria uma cidade-paisagem “natural” e exuberante.

Como contraste, o clipe francês *Virer le monde à l'envers* mostra uma cidade em sua arquitetura de concreto, com sistemas de vigilância e polícia. Ali, a movimentação tem que ser a da técnica militar do *parkour* – para saltar muros e escalar paredes, passar por cima de carros e escapar do controle. Uma movimentação transgressora para fugir da vigilância constante. Corpos masculinos, fortes e exercitados compõem a cena.

Nessa perspectiva, se entendemos o videoclípe como um evento midiático, expressão de um certo caráter urbano, constatamos que ele reflete algumas marcas das cidades, influências que se desenvolvem e circulam. Os corpos jovens que aparecem nos cliques, os movimentos e danças que adotam tam-

bém são construídos a partir desses contatos e dessas influências múltiplas que se cruzam nas cidades.

Contudo, tais corpos jovens apresentados nos cliques não se tornam urbanos apenas por serem apresentados em espaços de cidade. Eles podem ser identificados dessa forma porque foram treinados, se exercitaram ou adotaram posturas e técnicas corporais aprendidas com determinados grupos sociais urbanos – aquilo que Maffesoli (2000) chamaria de “neotribos urbanas”. Nesses grupos sociais os jovens reafirmam papéis, transgridem normas, disciplinam-se em relação a outras regras, usam seus corpos para exprimir tudo isso e, enfim, constroem suas identidades enquanto grupo urbano.

(artigo recebido set.2011/ aprovado fev.2012)

## Referências

- BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: EdUFRJ, 1997.
- BERNARD, Michel. **Le corps**. Paris: Seuil, 1995.
- BORELLI, S.H.; FREIRE Fº, João (orgs.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EdUC, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **Surveiller et punir: naissance de la prison**. Paris: Gallimard, 1973.
- GOLDENBERG, Mirian. **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- JANOTTI Jr., Jéder. Música popular massiva e gêneros musicais. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo: ESPM, jul., v. 3, n. 7, 2006, p. 31-47.
- MAFFESOLI, Michel. **Le temps des tribus: le déclin de l'individualisme dans les sociétés postmodernes**. 2.ed. Paris : La Table Ronde, 2000.
- MAUSS, Marcel. Les techniques corporelles. In: **Sociologie et anthropologie**. 9.ed. Paris: PUF, 1985, p. 365-388.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves (2007). Estéticas juvenis: intervenções nos corpos e na metrópole. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo: ESPM, mar., v. 4, n. 9, 2007, p. 63-86.
- SIBONY, Daniel. **Le corps et sa danse**. Paris: Seuil, 1995.
- SIMMEL, Georg. **Les grandes villes et la vie de l'esprit**. Paris: Éditions de l'Herne, 2007.
- VIRILIO, Paul. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro : 34, 1993.